

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2016, Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes ou são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com acontecimentos reais ou lugares ou pessoas, vivas ou mortas, é meramente coincidência.

Copyright © Clare Mackintosh, 2014

Publicado pela primeira vez na Grã Bretanha, em 2014, por Sphere, uma chancela de Little, Brown Book Group.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal

Título original: *I Let You Go*

Título: *Deixei-te Ir – Aconteceu tudo tão depressa. Ela não o poderia ter evitado. Ou poderia?*

Autora: Clare Mackintosh

Tradução: Fátima Martins

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Maria João Gomes

Design de capa original: Hannah Wood – LBBG

Arranjo de capa: Vera Braga/Marcador Editora

Imagem de capa: borboleta © Jarek Blaminsky/Arcangel Images

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-261-9

Depósito legal: 410 649/16

1.ª edição: julho de 2016

Agradecimentos

Quando lia as páginas de agradecimentos dos livros, pensava sempre como era possível estar tanta gente envolvida na criação de uma obra. Agora, percebo. Estou extremamente grata a todos os primeiros leitores de *Deixei-te Ir*. A Julie Cohen, AJ Pearce, Marilyn Davies e outros, que me ajudaram a compreender o que estava e o que não estava a funcionar. A Peta Nightingale e a Araminta Whitley, por acreditarem em mim. Sinto, também, que sou uma pessoa afortunada por ter a maravilhosa Sheila Crowley como agente literária, pois nunca a conheceria se não tivesse tido uma conversa ocasional com Vivienne Wordley, que gostou tanto do meu manuscrito que resolveu encaminhar-lho. Obrigada, Vivienne, Sheila, Rebecca, bem como o resto da equipa de Curtis Brown, por tudo o que fizeram. Não me podiam ter encontrado um lar mais acolhedor do que o do Grupo Little, Brown. Adorei a brilhante Lucy Malagoni no instante em que a conheci, e não podia ter desejado uma editora mais perspicaz e entusiasta. Obrigada, Lucy, Thalia, Anne, Sarah, Kirsteen e todos os outros da Little, Brown, incluindo a maravilhosa equipa para os direitos de autor no estrangeiro, e também os que estavam extremamente ocupados mas que me conseguiram fazer sentir que, apesar de tudo, este era o único livro no qual trabalhavam.

Obrigada às minhas ex-colegas Mary Langford e Kelly Hobson: a Mary, por ter lido a primeira versão, e a Kelly, pela ajuda de última hora em todo este processo. Finalmente, agradeço aos amigos e à minha família, que sempre acreditaram em mim, que me apoiaram quando decidi abandonar uma carreira sólida para me pôr a escrever livros, e de quem nunca tive de ouvir que era melhor largar isso e arranjar um emprego como deve

ser. Não conseguiria chegar aqui – e não teria chegado – sem o apoio do meu marido, Rob, nem dos meus três filhos, Josh, Evie e Georgie, que me animavam lá das bancadas, me traziam chávenas de chá e tomavam conta de si próprios enquanto eu estava «quase a terminar este capítulo». Muito, mas mesmo muito, obrigada a todos.

Prólogo

O vento atirava o cabelo molhado contra o rosto dela, e os seus olhos amaldiçoavam aquela chuva. Um tempo daqueles obrigava qualquer pessoa a andar apressada, a correr por pisos escorregadios com o queixo enfiado na gola. Passavam carros lançando jatos de água para cima dos sapatos. O barulho do trânsito tornava-lhe impossível ouvir mais do que umas quantas palavras da tagarelice que começara no instante em que se abriram os portões da escola. As palavras brotavam sem cessar da boca dele, misturadas num vaivém contínuo perante a excitação daquele novo mundo em que iria crescer. A ela, pareceu-lhe ouvir qualquer coisa sobre um melhor amigo, um projeto espacial, uma nova professora. Olbou para baixo e sorriu perante a excitação dele, ignorando o frio que penetrava pelas ondas do seu cachecol. O rapaz retribuiu com um sorriso enorme, bem rasgado, e levantou a cabeça para saborear a chuva, as pestanas molhadas a formarem uma massa escura à volta dos olhos.

– E já sei escrever o meu nome, mamã!

– Tão esperto, o meu menino – disse ela, parando de beijar furiosamente a sua testa molhada. – *Mostras-me quando chegarmos a casa?*

Caminharam tão depressa quanto umas pernas de cinco anos o permitiam, a mão livre dela segurava a mala dele, que baloiçava contra os joelhos.

Quase em casa.

Os faróis faiscavam no asfalto molhado, o brilho cegava-os a toda a hora. Esperando que o trânsito fizesse uma pausa, esquivavam-se com rapidez ao atravessarem a estrada pelo meio dos carros apressados, ela apertava com força a pequena mão no interior da luva de lã, e ele tinha de correr para a conseguir acompanhar. Folhas encharcadas colavam-se às bermas, cujas cores brilhantes se desvaneciam e se metamorfoseavam em castanho-escuro.

Chegaram à tranquila rua onde ficava a casa deles, sedutora e quentinha, mesmo junto à esquina, que sensação tão bem-vinda! Sentindo-se segura pela proximidade da

vizinhaça, largou a mão dele para lhe poder afastar os fios de cabelo molhado dos olhos, rindo com aquela cascata de gotas.

– Pronto – disse ela, ao dobrarem a última esquina. – Deixei a luz acesa para nós.

Do outro lado da rua, uma casa de tijolo vermelho. Dois quartos, a cozinha minúscula e um jardim cheio de vasos que ela sempre tencionara encher de flores. Só os dois.

– Vamos fazer uma corrida, mamã...

Nunca parava quieto: tão cheio de energia desde que acordava até ao momento em que deitava a cabeça na almofada. Sempre aos saltos, sempre a correr.

– Anda!

Tudo aconteceu num piscar de olhos; a sensação do espaço vazio ao lado dela enquanto ele corria em direção a casa à procura do calorzinho do hall, com o brilho da luz acesa do alpendre. Leite, bolachinhas, vinte minutos de televisão, douradinhos de peixe para o lanche. A rotina à qual tão facilmente sucumbiram durante quase metade daquele primeiro período na escola.

O carro surgiu do nada. O chiar de travões molhados, o barulho surdo de um menino de cinco anos a bater no vidro do para-brisas e a pirueta do corpo antes de cair com um violento tombo na estrada. Ela a correr atrás dele, diante do carro ainda em movimento. A escorregar e a cair pesadamente de mãos estendidas, o impacto a cortar-lhe o fôlego.

Tudo terminou num piscar de olhos.

Ela agachou-se junto dele, procurando freneticamente um sinal de pulsação. Viu o seu hálito a formar uma nuvem branca, solitária, no ar. Viu a mancha escura por baixo da cabeça dele e ouviu o próprio pranto como se viesse de outro alguém. Olhou para o embaciado vidro da frente, os limpa-para-brisas formando arcos de água na noite escura, e gritou por ajuda para um condutor invisível.

Inclinada sobre ele, querendo conservá-lo quente sob o seu corpo, ela mantinha o sobretudo aberto sobre ambos, a bainha bebendo a água à tona da estrada. Enquanto o cobria de beijos e lhe suplicava para que acordasse, a poça de luz amarela que os envolvia começou a encolher, convertendo-se num estreito raio de luz; o carro recuava. O motor queixando-se em protesto, o carro a fazer duas, três, quatro tentativas a fim de virar para a rua estreita, raspando com urgência um dos plátanos gigantes que vigiavam a estrada.

E, depois, apenas escuridão.

PARTE I



O detetive-inspetor Ray Stevens, de pé junto à janela, contemplava a cadeira do seu gabinete, que tinha um dos braços partidos há pelo menos um ano. Até então optara pela pragmática abordagem de não se encostar ao lado esquerdo, mas enquanto fora almoçar alguém rabiscara «defetivo» a marcador preto nas costas da cadeira. Ray pensava se o recente entusiasmo do Serviço de Apoio às Empresas pela inspeção de equipamento se iria estender à possibilidade da substituição da cadeira, ou se estaria destinado a dirigir o Departamento de Investigação Criminal (DIC)¹ de Bristol a partir de uma cadeira que lançava sérias interrogações sobre a sua credibilidade.

Inclinou-se para encontrar um marcador na caótica gaveta de cima, agachou-se e mudou a etiqueta para «detetive». A porta do gabinete abriu-se e ele ergueu-se rapidamente, pondo a tampa na caneta.

– Ah, Kate, estava só a... – Deteve-se, reconhecendo a expressão no rosto dela antes de ver a ordem de serviço que tinha na mão. – O que trazes aí?

– Um atropelamento e fuga em Fishponds, chefe. Um miúdo de cinco anos morto.

Ray estendeu a mão para a folha de papel e analisou-a, enquanto Kate, numa postura desengonçada, esperava à porta. Tinha acabado de entrar na brigada, estava no DIC apenas há alguns meses, ainda na fase de adaptação. No entanto, era boa: melhor do que ela própria pensava.

– Não há nenhuma matrícula?

– Que se saiba, não. A brigada de rua tomou conta da situação e, neste momento, o capitão regista o depoimento da mãe da criança. Ela encontra-se em grande estado de choque, como deve imaginar.

¹ CID em inglês. (*N. de E.*)

– Podes ficar até mais tarde? – perguntou Ray, mas Kate já anuía antes de ele terminar a pergunta. No calor da adrenalina, trocaram um pequeno sorriso em mútuo agradecimento, parecia sempre errado sentir uma boa sensação perante um acontecimento tão horrível.

– Muito bem, então vamos.

Acenaram um cumprimento à multidão de fumadores aninhados sob a porta das traseiras.

– Tudo bem, Stumpy? – perguntou Ray. – Levo a Kate para a história do atropelamento e fuga de Fishponds. Podes ir ao Serviço de Informação e ver se já chegou alguma coisa?

– Estou indo. – O homem puxou uma última fumaça no cigarro de enrolar. Ao longo de toda a sua carreira, o sargento-detetive Jake Owen sempre fora chamado Stumpy e nunca deixava de se surpreender de cada vez que ouvia o nome verdadeiro, completo, numa audiência de tribunal. Sendo um homem de poucas palavras, Stumpy tinha mais histórias de guerra para contar do que gostava e era, sem qualquer sombra de dúvida, o melhor sargento-detetive de Ray. Os dois homens haviam trabalhado juntos na brigada durante vários anos, e Stumpy, detentor de uma extrema força, apenas contrariada pela pequena estatura, era realmente um bom parceiro para se ter sempre à mão e ao lado.

Além de Kate, a equipa de Stumpy incluía o imutável Malcolm Johnson e o jovem Dave Hillsdon, um detetive entusiasta mas rebelde que, para firmar as suas convicções, pisava demasiadas vezes o risco, para o gosto de Ray. Todos juntos, formavam uma boa equipa, e, com eles, Kate aprendia depressa. E possuía um grande entusiasmo, que provocava em Ray alguma nostalgia dos tempos em que era apenas um inspetor cheio de ambições, antes de os dezassete anos de burocracia o fazerem assentar os pés no chão.

Kate conduziu o *Corsa* sem matrícula pelo cada vez mais intenso trânsito da hora de ponta até Fishponds. Era uma condutora impaciente, enervava-se sempre que o sinal vermelho os obrigava a parar e esticava o pescoço para ver quando podia avançar. Estava em constante movimento: os dedos a bater no volante, a coçar o nariz, a mexer-se no assento. À medida que o trânsito começava de novo a circular, inclinava-se para a frente como se isso fizesse o carro andar mais depressa.

– Saudades das sirenes e das luzes? – perguntou-lhe Ray.

Kate esboçou um sorriso.

– Talvez um pouco.

Tinha um risco de *eye-liner* nos olhos, mas, tirando isso, não apresentava qualquer sinal de maquilhagem. Caracóis de cabelo castanho-escuro caíam desordenadamente sobre o seu rosto apesar do gancho de tartaruga que supostamente colocara para os prender atrás.

Ray olhava para o telemóvel a fim de fazer as chamadas necessárias, queria confirmar que a Unidade de Investigação de Colisões se pusera em marcha, que o superintendente de serviço fora informado e que alguém já chamara o denominado «Carro de Operações» – um veículo pesado a abarrotar até ao teto de tendas, lanternas de emergência e bebidas quentes. Já tudo fora feito. Na verdade, disso, ele nunca duvidava, mas, como detetive-inspetor de serviço, a responsabilidade era nele que terminava. Normalmente, havia sempre um pouco de crispação na brigada de rua quando o pessoal do DIC aparecia e começava a trabalhar no terreno; contudo, era assim. Já todos haviam passado por isso, inclusive Ray, que, antes de ser colocado no Departamento, andara de farda durante algum tempo.

Contactou a Central a informá-los de que chegavam em cinco minutos, mas não telefonou para casa. Ray só ligava a Mags nas raras ocasiões em que iria chegar a horas, pois esta parecia-lhe uma abordagem mais realista, tendo em conta as longas horas que o trabalho lhe exigia.

Quando dobravam a esquina, Kate foi abrandando a viatura. Meia dúzia de carros de polícia estavam dispostos, aleatoriamente, ao longo da rua. As luzes disseminavam constantemente um brilho azul sobre o cenário. Tinham sido montados holofotes em tripés de metal, e a intensidade dos seus raios sublinhavam a fina névoa de chuva, que, felizmente, na última hora amainara.

Antes de sair da esquadra, Kate agarrara num casaco e trocara os saltos altos pelas galochas.

– Primeiro o prático e só depois o *style* – riu-se, atirando os sapatos para o cacifo e calçando as botas. Ray raramente dava atenção a um desses princípios de vida, mas, naquele momento, bem desejava ter levado, pelo menos, um casaco.

Estacionaram o carro a cem metros de uma grande tenda branca, erigida na tentativa de proteger da chuva qualquer vestígio ou prova que

pudessem ter sido deixados. Um dos lados da tenda estava aberto e, lá dentro, podia-se observar as mãos e os joelhos de uma investigadora criminal a recolher alguma coisa ainda não detetada. Mais acima, na rua, uma segunda figura vestida com fato de papel examinava uma das árvores gigantes que ladeavam a estrada.

Quando Ray e Kate se dirigiram para perto do local foram mandados parar por um jovem agente, este tinha o blusão fluorescente tão fechado até cima que, entre a ponta do boné e a gola, Ray mal lhe conseguia ver a cara.

– Boa noite. Precisa de analisar o local? Tenho de registar a sua presença.

– Não, obrigado – disse Ray. – Pode informar-me onde se encontra o seu sargento?

– Na casa da mãe da criança – informou o agente, apontando para a rua e para uma fila de pequenas casas ajardinadas, antes de se retirar para dentro da sua gola. – É a casa número quatro – acrescentou quase num murmúrio.

– Meu Deus, que trabalho miserável – comentou Ray enquanto se afastava com Kate. – Ainda me lembro de, em caloiro, ter de fazer doze horas seguidas a observar locais de crime sob chuva e de ainda ser chamado à atenção, no dia seguinte, pelo comissário, por não sorrir às oito da manhã, quando ele chegava.

– Então foi por isso que se especializou? – Kate riu-se.

– Não propriamente – respondeu Ray –, mas foi com certeza parte do motivo. Não, foi sobretudo porque estava farto de passar todos os grandes casos aos especialistas e nunca conseguir levar nenhum até ao fim. E tu?

– Mais ou menos o mesmo.

Chegaram perto do grupo de casas para onde o agente apontara. Kate continuava a conversar enquanto procuravam o número quatro.

– Eu gosto de lidar com casos mais graves. Mas em especial porque me aborreço com facilidade. Gosto de investigações complicadas, que me deem dores de cabeça quando as tento resolver. Palavras cruzadas com enigma, em vez das simples. Faz-lhe sentido?

– Completamente – concordou Ray. – Apesar de as palavras cruzadas com enigma não serem o meu forte.

– É uma questão de jeito – disse Kate –, um dia destes ensino-lhe. Ora, aqui está o número quatro.

A porta da frente, muito bem pintada, encontrava-se meio aberta. Ray empurrou-a e chamou para dentro de casa.

– DIC. Podemos entrar?

– Estamos na sala – respondeu alguém.

Limparam os pés no tapete e avançaram pelo corredor estreito, abandonando tudo o que se encontrava pendurado no bengaleiro, debaixo do qual havia também um par de galochas vermelhas de criança, cuidadosamente colocadas ao lado de um par das de adulto.

A mãe estava sentada num pequeno sofá, os olhos fixos no cordão azul do saco da escola, enfiado no colo.

– Sou o detetive-inspetor Ray Stevens. Lamento imenso o que aconteceu ao seu filho.

Ela ergueu os olhos para ele, apertando o cordão à volta das mãos até a pele ficar com marcas vermelhas.

– Jacob – disse, sem uma única lágrima. – O nome dele é Jacob.

Empoleirado numa cadeira da cozinha ao lado do sofá, um sargento fardado tentava equilibrar uma folha de papel sobre o colo. Ray já o vira antes, mas não sabia o seu nome. Deitou uma olhadela ao distintivo.

– Brian, importa-se de conduzir a Kate à cozinha para ela registar o que apurou até agora? Quero fazer algumas perguntas à testemunha, é possível? Não demora muito. Ao mesmo tempo, talvez possam preparar um chá e trazer-lhe uma chávena.

Pela reação de Brian, parecia evidente que esta era a última coisa que lhe apetecia fazer, mas levantou-se e saiu da sala com Kate, sem dúvida de que iria queixar-se, a ela, por o DIC ter puxado dos galões. Ray permaneceu imperturbável.

– Peço desculpa por ter de lhe fazer ainda algumas perguntas, mas é vital recolhermos a maior quantidade possível de informação quanto antes.

A mãe do Jacob abanou a cabeça em sinal de aquiescência, mas continuou com os olhos baixos.

– Parece que não conseguiu ver a matrícula do carro, pois não?

– Aconteceu muito rápido – disse ela, e das suas palavras soltou-se um rasgo de emoção. – Ele estava a falar sobre a escola e de repente... Mas só o larguei por um segundo. Ela apertou ainda mais o cordão, e Ray viu os dedos perderem a cor. – Foi tão rápido. O carro vinha tão depressa.

Ela respondia às perguntas calmamente, sem o mais pequeno sinal da frustração que, com toda a certeza, sentia. Ray condoía-se por lhe provocar tamanha intrusão, mas não tinha escolha.

– Como era o condutor?

– Não consegui ver o interior do carro – respondeu.

– Havia passageiros?

– Não consegui ver o interior do carro – repetiu numa voz abafada e inexpressiva.

– Certo – disse Ray. «Raio, por onde iriam começar»?

Ela olhou para ele.

– Vão apanhá-lo? O homem que matou o Jacob. Vão apanhá-lo? – A voz estilhaçou-se e as palavras caíram em mil bocados, transformando-se num surdo queixume. Ela inclinou-se para a frente, com o saco da escola agarrado ao ventre, e Ray sentiu um aperto no peito. Inspirou profundamente para libertar aquela sensação.

– Vamos fazer tudo o que pudermos – afirmou, odiando-se por semelhante cliché.

Kate voltou da cozinha, com Brian atrás e uma chávena de chá.

– Posso dar por terminado o depoimento, chefe? – perguntou o agente fardado.

«Parar de incomodar a minha testemunha, queres tu dizer», pensou Ray.

– Sim, obrigado, desculpe tê-lo interrompido. Temos tudo de que precisamos, Kate?

Kate anuiu. Parecia pálida, pensou se Brian teria dito alguma coisa que a tivesse perturbado. Daí a um ano, mais coisa menos coisa, ele já a conheceria tão bem como ao resto da equipa, mas, por enquanto, ainda não a tinha suficientemente controlada. Ela era franca e direta. Isso, ele já percebera, sem demasiada ansiedade em querer apresentar o seu ponto de vista nas reuniões da equipa, e aprendia depressa.

Saíram da casa e caminharam em silêncio até ao carro.

– Estás bem? – perguntou-lhe ele, apesar de ser claro que não estava. Tinha o maxilar contraído e a cor apagara-se do seu rosto.

– Sim – respondeu, mas a voz saía-lhe débil, e Ray percebeu que fazia um grande esforço para não chorar.

– Ei, então! – disse-lhe, pondo-lhe um braço tímido à volta dos ombros –, é por causa deste caso?

Ao longo dos anos, Ray construíra um mecanismo de defesa contra os efeitos adversos de situações como aquela. A maior parte dos agentes já tinha passado por uma – por isso é que era preciso fazer vista grossa a algumas das piadas e anedotas que se contavam no refeitório –, mas talvez Kate fosse diferente.

Ela anuiu com a cabeça e respirou profunda e vibrantemente.

– Peço desculpa, não costumo ser assim, juro. Já fiz dezenas de comunicações de mortes, mas... fogo, ele só tinha cinco anos! Ao que parece, o pai do Jacob nunca quis ter nada que ver com o filho, por isso foram sempre só os dois: a mãe e ele. Não consigo imaginar aquilo por que ela está a passar. A voz prendeu-se-lhe na garganta, e Ray sentiu de novo o aperto no peito. A estratégia que arranjava para enfrentar situações emocionais complicadas assentava basicamente em concentrar-se na investigação – nas provas irrefutáveis – e não se deixar mortificar pela emoção das pessoas envolvidas. Se pensasse demasiado em como se sentiria ao observar um filho seu a morrer-lhe nos braços, não conseguiria ser útil a ninguém, e muito menos a Jacob e à mãe. Os pensamentos de Ray voaram involuntariamente para os filhos. Apoderou-se dele um desejo irracional de ligar para casa e verificar se todos estavam bem.

– Peço desculpa – disse Kate, engolindo em seco, num sorriso de embaraço. – Prometo que não volta a acontecer.

– Eil, tudo bem – acalmou-a Ray. – Já todos nós enfrentámos isso.

Ela arqueou uma sobrancelha.

– Até o senhor? Nunca me passou pela cabeça que fosse do tipo sensível, chefe.

– Tenho os meus momentos. – Ray abraçou-a com força e só depois retirou o braço dos ombros dela. Ele nunca imaginara que pudesse de facto verter alguma lágrima por causa de algum caso, mas, desta vez, estivera bem perto disso. – Vais ficar bem?

– Sim, sim. Obrigada.

À medida que se afastavam, Kate olhou para trás, para o local do crime, onde os investigadores continuavam a trabalhar incessantemente.

– Que filho da mãe mata uma criança de cinco anos e foge?

Ray não hesitou.

– É isso que vamos descobrir.

Não quero uma chávena de chá, mas, de qualquer forma, aceito-a. Seguro a chávena com ambas as mãos e encosto a face ao vapor até a sentir esquentar. A dor é como um alfinete a penetrar na minha pele, anestesia-me as maçãs do rosto e provoca ardor nos meus olhos. Combato o reflexo instintivo de a afastar; preciso de ficar adormecida para apagar as imagens que não me saem da cabeça.

– Queres que te traga alguma coisa para comer?

Ele surge junto de mim como se fosse uma torre e sei que devia levantar a cabeça para olhar para ele, mas não consigo suportá-lo. Como pode oferecer-me o que quer que seja para comer ou beber como se nada tivesse acontecido? Uma sensação de náusea brota dentro de mim e engulo de novo o sabor do azedo. Ele culpa-me pelo que aconteceu. Não o disse, mas pensa, vejo-o nos seus olhos. Ele tem razão, a culpa foi minha. Devíamos ter voltado para casa por outro caminho. Eu não devia ter falado; devia tê-lo parado...

– Não, obrigada – disse calmamente. – Não tenho fome.

O acidente anda às voltas na minha cabeça. Quero carregar na pausa, mas o filme continua, persistente: o corpo dele a bater violentamente no para-brisas, uma vez, e outra, e outra. Levanto a chávena e encosto-a de novo ao rosto; no entanto, o chá arrefeceu e o calor na minha pele já não dói. Não consigo sentir as lágrimas que se vão formando, apenas as enormes gotas a desintegrar-se de cada vez que batem nos meus joelhos. Vejo-as ensopar as minhas calças de ganga e raspo com a unha um pedaço de barro colado à perna.

Olho em redor do quarto da casa que passei tantos anos a criar. As cortinas, compradas para condizer com as almofadas; as obras de arte,

algumas feitas por mim, outras encontradas em galerias, obras pelas quais me apaixonei e que não consegui lá deixar. Pensava que estava a criar um lar, mas apenas construía uma casa.

As mãos doem-me. Consigo sentir a pulsação a bater rápida e leve no meu pulso. A dor conforta-me. Gostava que doesse mais. Gostava que o carro me tivesse batido, a mim.

Ele está, outra vez, a falar. «A polícia anda à procura do carro por todo o lado... Os jornais apelam por testemunhas... Vai aparecer nas notícias.»

O quarto está às voltas e eu fixo o olhar na mesinha de centro, aquiescendo com a cabeça sempre que me parece adequado. Ele dá dois passos largos em direção à janela, depois regressa. Gostava que se sentasse, está a deixar-me nervosa. As minhas mãos tremem e pouso o chá, no qual nem sequer toquei, para não se entornar porém, bato com a porcelana no vidro da mesa. Ele fuzila-me com um olhar pleno de irritação.

– Desculpa – digo.

Sinto um sabor metálico na boca e percebo que mordi o interior do lábio. Engulo o sangue, porque não quero que a atenção seja desviada para a minha pessoa ao ter de lhe pedir um lenço de papel. Tudo mudou. Naquele instante em que o carro deslizou pelo alcatrão molhado, toda a minha vida se alterou. Consigo ver tudo com demasiada nitidez, como se estivesse ali mesmo ao lado. Não posso continuar assim.

Quando acordo, por um breve momento não tenho a certeza do que sinto. Está tudo igual e, no entanto, tudo mudou. Depois, antes de abrir os olhos, sinto um barulho a crescer na minha cabeça, parece uma carruagem do metro. E lá está: o mesmo filme a passar em tecnicolor, que não consigo pôr na pausa nem no silêncio. Pressiono as têmporas com a palma das mãos, como se isso pudesse fazer com que as imagens se aprofundassem só com o poder da força bruta, mas elas voltam, em catadupa, como se receassem que eu as pudesse esquecer.

Na minha mesa de cabeceira está o despertador dourado que a Eve me deu quando entrei na universidade – «porque senão nunca vais às aulas» –, fico espantada por ver que já são dez e meia. A dor na minha mão foi ofuscada pela dor de cabeça, que me cega de cada vez que me viro rapidamente, e quando me ergo da cama todos os músculos me doem.

Enfio as roupas de ontem e vou para o jardim sem fazer café, apesar de a minha boca estar tão seca que mal consigo engolir. Não encontrei os

meus sapatos, e o frio entranha-se nos meus pés enquanto caminho pela relva. O jardim não é grande, mas o inverno segue o seu curso, e, quando chego ao outro lado do quintal, já nem sinto os dedos.

O estúdio construído no jardim foi o meu santuário durante os últimos cinco anos. Pouco maior do que um barracão aos olhos do comum observador, era o lugar para onde ia sempre que queria pensar, trabalhar, escapar. O chão de madeira está manchado com o barro que cai da roda de oleiro, colocada firmemente no centro da divisão para me poder mexer à volta dela e apreciar o meu trabalho com olhar crítico. Três dos lados do barracão estão cobertos de prateleiras, sobre as quais ponho todas as minhas esculturas segundo uma ordem caótica que só eu compreendo. Aqui, obras ainda em trabalho; ali, as cozidas mas por pintar; além, as que esperam ir para os clientes. Centenas de peças feitas em bocados; no entanto, se fechar os olhos, percorrendo-as apenas com os dedos, ainda sinto a forma de cada uma delas, a humidade do barro na palma das mãos.

Tiro a chave do esconderijo por baixo do vão da janela e abro a porta. Está pior do que pensava. O chão não se consegue divisar sob um tapete de cacos de barro; metades redondas de potes partidos rematadas abruptamente em bicos afiados. As prateleiras encontram-se vazias, todo o meu trabalho foi varrido da secretária, e as pequenas estátuas no vão da janela estão irreconhecíveis, desfeitas em estilhaços que reluzem sob a luz do Sol.

Junto à porta, uma pequena estatueta de mulher. Fi-la no ano passado, como parte de uma coleção de figuras que produzi para uma loja em Clifton. Quisera criar uma coisa real, algo tão perfeito quanto possível, e, ainda assim, suficientemente bela. Fiz dez mulheres, cada uma delas com curvas próprias e singulares, com mossas, cicatrizes e imperfeições. Baseei-as na minha mãe; na minha irmã; nas minhas alunas nas aulas de cerâmica; nas mulheres que vi a passear no parque. Esta sou eu.

De forma imprecisa, além de mim, ninguém me reconheceria nela. O peito, um pouco liso demais; as ancas, um pouco estreitas demais; os pés, um pouco grandes demais. Um novelo de cabelo entrançado rematado por um nó na base do pescoço. Debrucei-me e apanhei-a. Pensava que estivesse intacta, mas, assim que lhe toco, o barro move-se sob as minhas mãos e fico com dois pedaços partidos. Olho para eles, lanço-os contra a parede, com toda a força, e partem-se em mil pedaços que caem como chuva sobre a minha secretária.

Respiro fundo e saio lentamente.

Não tenho a certeza de quantos dias passaram desde o acidente ou de como cheguei ao fim daquela semana, sentia que arrastava as pernas por um pântano de melação. Não sei o que me fez decidir que era hoje o dia. Mas é. Levo apenas o que cabe no meu saco de viagem, consciente de que, se não for agora mesmo, talvez nunca vá. Deambulo erráticamente pela casa, tentando imaginar que nunca aqui estivera. Um pensamento ao mesmo tempo aterrador e libertador. Será que vou conseguir fazer isto? Será possível deixar uma vida para trás e começar outra? Tenho de tentar: é a única oportunidade para ultrapassar isto e reerguer-me.

O meu portátil está na cozinha. Contém fotografias; moradas; informação importante que um dia posso precisar e que não está gravada em mais lado nenhum. Não tenho tempo para pensar em fazer isso agora; porém, é pesado e nada prático de transportar; portanto, enfio-o na mala. Não me sobra grande espaço, mas não me posso ir embora sem a última peça do meu trabalho. Tiro uma camisola e um molho de *T-shirts* a fim de arranjar espaço para a caixa de madeira, na qual estão escondidas as minhas memórias, umas em cima das outras por baixo da tampa de cedro. Não olho lá para dentro, não preciso. A coleção de diários da adolescência, guardados aleatoriamente e com páginas de arrependimento arrancadas; uma fita elástica repleta de bilhetes de concertos; o meu diploma de licenciatura; recortes de notícias das minhas exposições. E as fotos do filho que amei com tal intensidade que parecia impossível. Fotografias preciosas. Poucas, tendo em conta alguém a quem se amou tanto. Tão pouco impactante para o mundo e, no entanto, o centro de tudo o que sou.

Incapaz de resistir, abro a caixa e retiro a foto que está em cima: a polaroide tirada por uma parteira de voz suave no dia em que ele nasceu. Era um minúsculo fragmento cor-de-rosa, mal se via debaixo do lençol branco do hospital. Os meus braços refletem a desajeitada pose da recém-mãe, a afogar-se num mar de amor e cansaço. Fora tudo tão rápido, assustador, tão diferente do que diziam os livros que devorara durante a gravidez, exceto no amor que sentia e que tinha para lhe dar, nesse, não se enganavam. De repente sinto-me incapaz de respirar, volto a colocar a foto na caixa e enfio esta no saco de viagem.

A morte do Jacob é notícia de primeira página. Clama por mim como um grito por onde quer que passe, na entrada da garagem, na loja da

esquina, na fila da paragem de autocarro onde permaneço anonimamente. Por enquanto não tenho de fugir.

Toda a gente fala do acidente. Como pôde ter acontecido? Quem pode ter feito uma coisa destas? Cada paragem de autocarro traz mais notícias frescas e faz nascer um burburinho que flutua por trás das nossas cabeças, impossível não o ouvir.

«Era um carro preto.»

«Era um carro vermelho.»

«A polícia está quase a fazer uma detenção.»

«A polícia não tem pistas.»

Uma mulher senta-se ao meu lado. Abre o jornal e, subitamente, sinto que alguém me comprime o peito. O rosto de Jacob fita-me; olhos magoados a censurar-me por não o ter protegido, por o ter deixado morrer. Obrigo-me a olhar para ele e sinto um nó que me aperta a garganta. A minha visão começa a enevoar-se, deixo de ver as letras e de ler as palavras, mas não preciso – já li uma versão deste artigo em todos os jornais pelos quais passei hoje os olhos. As citações dos professores devastados; as mensagens nas flores deixadas na berma da estrada; o inquérito policial – aberto e depois suspenso. Uma segunda foto mostra uma coroa de crisântemos amarelos num inacreditável caixão minúsculo. A mulher começa a articular sons de desaprovação com a língua e desata a falar, meio para si própria, acho, ou talvez me tenha visto a deitar uma espreitadela.

– Que horror, não é? E logo antes do Natal.

Não respondo.

– Conduzir desta maneira e não parar. – Volta a fazer os mesmos sons de desaprovação com a língua.

– Também é preciso ver – continua –, cinco anos. Que tipo de mãe deixa uma criança dessa idade atravessar a estrada sozinha?

Não consigo evitar e deixo sair um soluço. Sem me aperceber, lágrimas repentinas deslizam-me pelo rosto, deixo-as cair no lenço de papel que, subtilmente, coloquei na minha mão.

– Pobre inocente – diz a mulher, como se estivesse a consolar um bebé. Já não tenho a certeza se o inocente é o Jacob ou eu.

– Não conseguimos imaginar que nos possa acontecer uma coisa destas, pois não?

Mas eu consigo, gostava de lhe dizer que, independentemente do que ela imagina, é mil vezes pior. Ela arranja-me outro lenço, amachucado mas

limpo, e vira a página do jornal para ler que já ligaram as luzes de Natal de Clifton.

Nunca pensei que algum dia tivesse de fugir. Nunca pensei que algum dia precisasse.

Ray dirigiu-se para o terceiro andar, onde os passos frenéticos dos agentes que tentavam manter a ordem pública, vinte e quatro horas por dia e sete dias por semana, davam lugar ao silêncio dos escritórios alcatifados onde trabalhavam os funcionários administrativos e as equipas de investigadores criminais. Gostava mais de estar ali à noite, quando podia trabalhar sem interrupções na persistente pilha de processos que tinha em cima da secretária. Caminhou por toda a zona do *open space* até ao gabinete do detetive-inspetor, construído com divisórias postas no canto da sala.

– Como correu a reunião?

A voz fê-lo sobressaltar-se. Virou-se e viu Kate sentada à secretária.

– A reunião com os quatro da minha antiga brigada. Espero que pelo menos tenham fingido demonstrar algum interesse – disse ela, no meio de um bocejo.

– Correu bem – respondeu Ray. – É um bom grupo e, pelo menos, o processo continua a ser investigado.

Ray tentou manter o caso do atropelamento e fuga na ordem de trabalhos ao longo de toda a semana, mas, inevitavelmente, fora obrigado a dar-lhe menos atenção à medida que surgiam outros processos. Tentava dar o melhor para fazer chegar os dados a todos os agentes das brigadas e lembrar-lhes que continuava a precisar da ajuda deles. Deu uma palmadinha no relógio de pulso.

– O que fazes aqui a estas horas?

– Estou a vasculhar as respostas dadas aos apelos feitos pelos *media* – respondeu, passando o polegar pelo bordo da pilha de folhas impressas.

– O que está aqui não serve de muito.

– Nada que valha a pena agarrar?

– Népia – acentuou Kate. – Alguns carros que foram vistos em manobras perigosas, os típicos juízos moralistas a propósito da supervisão parental e os excêntricos e loucos do costume, incluindo tipos a prever a chegada do Segundo Advento. – Suspirou. – Precisamos de uma pausa, de qualquer coisa que nos permita continuar.

– Percebo que seja frustrante – afirmou Ray. – Mas segura a coisa, que algo acabará por aparecer. Aparece sempre.

Kate gemeu com desalento e afastou a cadeira para longe do monte de papéis.

– Acho que não fui abençoada com a virtude da paciência.

– Conheço a sensação – respondeu ele.

Ray sentou-se numa ponta da secretária dela.

– Esta é a parte chata das investigações; aquela que nunca mostram nas séries de televisão.

Ele sorriu com a expressão de tristeza dela.

– Mas a recompensa vale sempre a pena. Pensa que nesses pedaços de papel pode estar a chave para resolver o caso.

Kate lançou um olhar de dúvida à secretária e Ray soltou uma gargalhada.

– Anda lá! Vou fazer um chá para nós dois e já te dou uma ajuda.

Filtraram todos os dados de cada uma das folhas impressas, mas não encontraram o elemento-chave da informação que Ray esperava descobrir.

– Bom, pelo menos é mais uma coisa que posso riscar da lista de tarefas – disse ele. – Obrigado por teres ficado até tão tarde para passarmos isto em revista.

– Acha que vamos localizar o condutor?

Ray anuiu firmemente.

– Temos de acreditar que sim, de outra forma, como é que alguém vai confiar em nós? Já lidei com centenas de casos, não solucionei todos, de maneira nenhuma, mas estive sempre convencido de que a resposta está mesmo ao nosso lado.

– O Stumpy diz que o senhor pediu para difundir um alerta na comunicação social!

– Sim. É prática comum em casos de atropelamento e fuga, especialmente quando há crianças envolvidas. Vai significar muito mais do que

aquilo – apontou para a pilha de papéis –, aqueles, agora, só servem para reciclar.

– Não faz mal – disse Kate. Posso fazer horas extraordinárias. Comprei a minha primeira casa no ano passado e, para ser sincera, ainda tenho de esticar um pouco o orçamento.

– Vives sozinha? – Enquanto a questionava, perguntou-se se lhe seria permitido fazer aquele tipo de pergunta nos dias de hoje. Nos tempos em que era um simples agente, o politicamente correto chegara a um ponto em que qualquer coisa que fosse remotamente do foro pessoal tinha de ser acautelada. Qualquer dia já nem se podia falar de nada.

– A maior parte do tempo – respondeu Kate. – Comprei a casa sozinha, mas o meu namorado fica lá bastantes vezes. É bom para os dois, supostamente.

Ray pegou nas chávenas vazias.

– Bom, é melhor ires andando para casa – disse –, o teu namorado deve estar a perguntar-se por onde andarás.

– Tudo bem, ele é chefe de cozinha – comentou, mas também se levantou. – Faz turnos bem piores do que os meus. E o senhor? A sua mulher não desespera por causa das horas que faz?

– Está habituada – disse Ray, subindo o tom de voz para manter a conversa audível enquanto ia buscar o blusão ao seu gabinete. – Ela também já foi agente da polícia, foi assim que nos conhecemos.

O centro de treino da polícia em Ryton-on-Dunsmore tinha poucos aspetos positivos, mas um deles era, sem dúvida, a existência de um bar barato. Durante um *karaoke* particularmente doloroso, Ray reparou em Mags, que estava sentada com as colegas. Ria-se à gargalhada, tinha a cabeça virada para qualquer coisa que uma amiga lhe dizia. Quando a viu levantar-se para ir buscar uma rodada, ele enfiou goela abaixo a caneca de cerveja quase cheia para se poder aproximar dela ao balcão, mas acabou por ficar mudo como uma pedra. Felizmente, Mags era menos reticente, e tornaram-se inseparáveis durante o resto das dezasseis semanas de curso. Esboçou um leve sorriso ao lembrar-se de como, às seis da manhã, se esgueirava do dormitório feminino para o seu quarto.

– Há quanto tempo está casado? – perguntou Kate.

– Há quinze anos. Demos o nó durante o estágio.

– Mas ela já não exerce a profissão?

– Mags decidiu fazer uma pausa quando o Tom nasceu e nunca mais voltou depois de o nosso último filho ter nascido – respondeu Ray – A Lucy está agora com nove anos, e o Tom entrou para o sétimo ano do básico, por isso, a Mags pensa voltar a trabalhar. Ela quer tornar-se professora.

– Porque parou ela de trabalhar durante tanto tempo? – Havia uma curiosidade genuína nos olhos de Kate, e Ray recordou-se de como Mags era similarmente curiosa, naqueles tempos em que eram os dois novos no serviço. A sargento da Mags saíra para ter filhos e Mags dissera a Ray que não percebia qual era o interesse em ter uma carreira se depois se desistia de tudo.

– Ela queria estar em casa por causa dos miúdos – disse Ray. Ele sentia uma ponta de culpa. Será que a Mags desejava mesmo isso? Os infantários eram tão caros que parar de trabalhar parecera uma decisão óbvia. E ele sabia que ela queria ir levá-los e buscá-los à escola, e às atividades desportivas e às festas sazonais. Todavia, Mags era tão brilhante e capaz quanto ele, ou até mais, para ser honesto.

– Acho que, quando nos casamos com o trabalho, temos de aceitar as consequências negativas. – Kate desligou o candeeiro da secretária, os dois mergulharam na escuridão durante um segundo, antes de Ray entrar no corredor e a luz automática se acender.

– Riscos da profissão – concordou ele. – Há quanto tempo estás com o teu companheiro? – Desceram em direção ao exterior onde os carros de ambos estavam estacionados.

– Só há seis meses – disse. – Já é muito bom, para o costume; normalmente mando-os dar uma volta ao fim de poucas semanas. A minha mãe diz que sou demasiado exigente.

– Qual é o problema deles?

– Oh, todo o tipo – respondeu com um sorriso. – Demasiado dedicados, nada dedicados, sem sentido de humor, demasiado palhaços...

– Extremamente crítica – disse Ray.

– Talvez. – Kate franziu o nariz. – Mas é importante encontrar o Tal, não é? Fiz trinta no mês passado, corro contra o tempo.

Ela não parecia ter trinta anos, mas Ray também nunca fora bom a avaliar as idades. Olhou para o espelho e continuou a ver o mesmo homem que era aos vinte, apesar de as linhas do seu rosto contarem outra história.

Meteu a mão ao bolso à procura das chaves.

– Olha, não tenhas muita pressa para assentares. Nem tudo são rosas, sabes...

– Obrigada pelos conselhos, paizinho...

– Eh!, não sou assim tão velho!

Kate largou uma gargalhada.

– Obrigado pela tua ajuda esta noite. Até amanhã.

Ray soltou uma risadinha, pensando em voz alta enquanto tirava o carro de trás de um *Opel Omega* com identificação policial. «*Paizinho, realmente!*»

Quando chegou a casa, Mags encontrava-se na sala a ver televisão. Vestia calças de pijama e uma das velhas *sweatshirts* dele e estava sentada abraçada às pernas como uma criança. Um apresentador do telejornal recapitulava os acontecimentos do atropelamento e fuga para atualizar algum residente que, por alguma razão, tivesse perdido a cobertura jornalística da semana anterior. Mags olhou para Ray e abanou a cabeça.

– Não paro de ver isto. Pobre criança.

Ele sentou-se junto dela e agarrou no comando para tirar o som da televisão. No ecrã, a imagem mudou, para passar cenas mais antigas, e Ray viu a parte de trás da sua cabeça no momento em que ele e Kate saíam do carro.

– Pois é – disse ele, colocando um braço à volta da mulher. – Mas havemos de o apanhar.

A imagem voltou a mudar, e o ecrã encheu-se com o rosto de Ray na altura em que prestava informações a um entrevistador que estava fora da linha de alcance da câmara.

– Achas que sim? Têm alguma pista?

– Nem por isso – suspirou Ray. – Ninguém viu nada, ou, se viu, não quer dizer; portanto, contamos apenas com a parte forense e do serviço de informação.

– Será que o condutor pode não ter percebido o que fez? – Mags sentou-se normalmente e virou-se de frente para ele. Empurrou o cabelo com impaciência para trás da orelha. Usava-o da mesma forma desde que se conheciam: comprido e liso, sem franja. Era tão escuro quanto o de Ray, mas, ao contrário do dele, não tinha sinais de cabelos brancos. Ray tentara deixar crescer a barba pouco depois de Lucy nascer, mas tirou-a logo passados três dias, quando ficou claro que seria uma barba com mais pelos

brancos do que pretos. Agora, andava sempre de barba feita e tentava ignorar os salpicos de branco nas entradas, mesmo que Mags lhe dissesse que lhe dava um ar «distinto».

– Impossível – argumentou. – O miúdo foi direito ao capô.

Mags nem piscava os olhos. A emoção que ele vira no seu rosto ao chegar a casa tinha sido substituída por um olhar de concentração, do qual ele bem se lembrava dos tempos em que estavam juntos na brigada.

– Além disso – continuou Ray –, o carro parou, depois recuou e fez meia volta. O condutor pode não ter percebido que o Jacob morrera, mas não podia ignorar que lhe batera.

– Mandaram alguém aos hospitais? – perguntou ela. – É possível que o condutor também tenha ficado ferido e...

Ray sorriu.

– Estamos a fazer tudo, a sério. – Levantou-se. – Não leves a mal, mas foi um dia comprido, e só quero tomar uma cerveja, ver um pouco de televisão e deitar-me.

– Claro – concordou Mags firmemente. – Desculpa, é a força dos velhos hábitos e dessas coisas todas.

– Eu sei, e prometo-te que vamos apanhar o condutor. – Deu um beijo na testa da mulher. – Acabamos sempre por os apanhar.

Ray deu-se conta de que fizera a mesma promessa a Mags e à mãe de Jacob e que de facto não podia garantir que a conseguia cumprir.

– Bom, vamos fazer o nosso melhor – disse-lhe. Apenas esperava que o seu melhor fosse suficientemente bom.

Foi à cozinha buscar uma bebida. Era o facto de uma criança estar envolvida que tanto transtornava Mags. Provavelmente, não fora boa ideia contar-lhe os pormenores do acidente. Afinal, se para ele era difícil controlar as emoções, compreendia-se que Mags também se sentisse da mesma forma. Teria de fazer um esforço extra para guardar as coisas só para si.

Levou a bebida para a sala e sentou-se ao lado da mulher a ver televisão, fazendo *zapping*, do canal das notícias para um de *reality shows* de que ela gostava.

Ao chegar ao gabinete com um molho de ficheiros apanhados no correio, Ray largou a papelada no cimo da sua já sobrelotada secretária, fazendo com que toda a pilha deslizesse para o chão.

– Merda! – disse, olhando para a secretária sem qualquer vontade. A empregada da limpeza já ali estivera, despejara o lixo e tentara vagamente limpar o pó no meio daquela confusão, deixando um rasto de pó à volta da bandeja da impressora. Duas canecas de café frio flanqueavam o teclado e havia vários *Post-its* colados no ecrã do computador com mensagens telefónicas de diferentes graus de importância. Arrancou-os e colou-os na capa da agenda, onde já estava um *Post-it* cor-de-rosa a lembrá-lo de fazer a avaliação da equipa. Como se não tivesse já trabalho suficiente. Travava consigo próprio uma batalha constante por causa da burocracia diária. Não podia prestar-se a grandes protestos, não quando a próxima promoção estava tão tentadoramente ao alcance, mas também não podia simplesmente abraçá-la como se nada fosse. Para ele, uma hora a discutir o seu desenvolvimento pessoal era uma hora perdida, sobretudo com a morte de uma criança para ser investigada.

Enquanto esperava que o computador se ligasse, sentou-se na cadeira com as pernas viradas para trás e olhou para a foto de Jacob afixada na parede em frente. Tinha sempre uma foto de qualquer coisa crucial para a investigação, desde que entrara para o departamento de investigação criminal, quando o seu inspetor-chefe, resmungando, lhe lembrara que apontar para alguém a ser detido era igualmente bom, mas que ele nunca se poderia esquecer de «para que estamos a fazer esta merda». As fotos costumavam estar na sua secretária até ao dia em que Mags viera ao gabinete, havia alguns anos. Ela trouxera-lhe qualquer coisa de que ele já não se recordava, talvez um processo esquecido em casa ou o almoço. Lembrava-se de ter ficado aborrecido com a interrupção, quando ela o chamara da secretária em frente para lhe fazer uma surpresa, e esse aborrecimento convertera-se em sentimento de culpa ao dar-se conta de que, para o ir ver, ela deixara de fazer outras coisas. Tinham parado a caminho do gabinete de Ray para que Mags pudesse cumprimentar o velho chefe que, nessa altura, já se tornara superintendente.

– Aposto que estás com uma sensação estranha, por estares aqui – dissera Ray quando chegaram ao seu gabinete.

Mags rira-se e respondera-lhe:

– É como se nunca me tivesse ido embora. Consegues tirar uma rapariga da polícia, mas não consegues tirar a polícia de dentro dela. – O rosto dela expressava contentamento, enquanto passeava por todo o gabinete, os dedos percorreram suavemente o tampo da secretária.